

Uma Sombra no Fundo do Rio: a cidade de Pedro Afonso (TO) na História e na Literatura de Eli Brasiense

A Shadow at the Bottom of Rio: the city of Pedro Afonso (TO) in Eli Brasiense's History and Literature

Una sombra en el fondo de Río: la ciudad de Pedro Afonso (TO) en la historia y la literatura de Eli Brasiense

Maria de Fátima Oliveira¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo analisar a cidade de Pedro Afonso (TO) pela perspectiva da História e da Literatura. Para a sua tessitura são considerados os relatos históricos e um romance do escritor Eli Brasiense (1915-1998), no qual são abordados aspectos econômicos, políticos e socioculturais sobre a cidade e a região. Natural de Porto Nacional (TO), o autor está entre os mais importantes romancistas de Goiás/Tocantins, com vasta produção literária e uma narrativa repleta da cultura regional. Embora o livro *Uma Sombra no Fundo do Rio* (1972) seja um romance, sem compromisso com a verdade, a ficção entrelaça-se com os elementos históricos por toda a narrativa. Nesse sentido, pretende-se mostrar como a literatura de Eli Brasiense está permeada de historicidade, num profícuo diálogo, tendo como foco a cidade de Pedro Afonso (TO).

Palavras-chave: Eli Brasiense. História. Literatura.

Abstract: This article aims to analyze the city of Pedro Afonso (TO) from the perspective of History and Literature. For its weave, historical reports and a novel by the writer Eli Brasiense (1915-1998) are considered, in which economic, political and sociocultural aspects of the city and the region are addressed. Born in Porto Nacional (TO), the author is

among the most important novelists in Goiás/Tocantins, with a vast literary production and a narrative full of regional culture. Although the book *Uma Sombra no Fundo do Rio* (1977) is a novel, with no commitment to the truth, fiction intertwines with historical elements throughout the narrative. In this sense, we intend to show how Eli Brasiense's literature is permeated with historicity, in a fruitful dialogue, focusing on the city of Pedro Afonso (TO).

Key words: Eli Brasiense. History. Literature.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la ciudad de Pedro Afonso (TO) desde la perspectiva de la Historia y la Literatura. Para su textura se consideran relatos históricos y una novela del escritor Eli Brasiense (1915-1998), en los que se abordan aspectos económicos, políticos y socioculturales de la ciudad y la región. Nacido en Porto Nacional (TO), el autor figura entre los novelistas más importantes de Goiás/Tocantins, con una vasta producción literaria y una narrativa llena de cultura regional. Aunque el libro *Uma Sombra no Fundo do Rio* (1977) es una novela, sin ningún compromiso con la verdad, la ficción se entrelaza con elementos históricos a lo largo de la narración. En ese sentido, pretendemos mostrar cómo la literatura de Eli Brasiense se impregna de historicidad, en un diálogo fecundo, con foco en la ciudad de Pedro Afonso (TO).

Palabras clave: Eli Brasiense. Historia. Literatura.

Introdução

ABC de Cipriano
 Ai, morena, eu vou contar
 A história de Cipriano,
 Numa guerra de espantar
 Que durou uns par de ano.
 Bala perdida zunindo,
 Filho chorando sem mama,
 Muito caboclo dormindo
 Sendo sangrado na cama
 (BRASILIANSE, 1977, p.41).

Esta reflexão² tem como objetivo central a seguinte problemática: como a Literatura se entrecruza com a História na obra de Eli Brasiense, e mais especificamente no romance *Uma Sombra no Fundo do Rio*. Desse modo, a hipótese que se levanta é que embora trate-se de uma construção ficcional, elementos históricos e culturais, próprios de uma época e região, podem ser revelados por meio do romance de Eli Brasiense. Para a apreensão desses elementos na referida obra, foi feita uma minuciosa leitura do romance, e em seguida uma análise cotejando-os com a História, buscando valorizar a interdisciplinaridade entre as duas áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, procurou-se compreender o processo histórico da

região e da cidade de Pedro Afonso no contexto específico abordado por Brasiliense, além de uma fundamentação teórica em autores que discutem a relação entre a História e a Literatura, partindo do pressuposto de que, apesar de haver certas fronteiras entre as duas áreas do conhecimento, o diálogo entre elas, além de possível, tem se mostrado muito profícuo.

Eli Ribeiro Brasiliense nasceu na cidade de Porto Nacional (TO), antigo norte goiano em 1915 e faleceu em Goiânia em 1998; viveu parte de sua infância na região, nas margens do Rio Tocantins – juntamente com seus pais Jesuína Silva Braga e Bernardino Ribeiro – e parte em Natividade (TO). Brasiliense estudou no Seminário São José e no Colégio São Tomás de Aquino em Porto Nacional (TO) – sob orientação dos frades dominicanos franceses – onde concluiu o curso de Humanidades. Ele conhecia bem toda a antiga região norte de Goiás, mas se deslocava desde muito jovem em viagens pelo sul do estado em negócios de compra de café em Corumbá (GO). Antes de tornar-se um reconhecido escritor, o autor exerceu diversas profissões, entre elas a de professor e de jornalista. Na década de 1930 ele morou por um tempo na cidade de Pedro Afonso (TO), também às margens do Rio Tocantins, na qual foi diretor de uma escola; mudou-se na década de 1940 para Goiânia, onde viveu até 1998, ano de sua morte.

Eli Brasiliense foi presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), seção Goiás, presidente da Academia Goiana de Letras e integrou a Academia Tocantinense de Letras. Deixou significativa obra, com destaque para os romances históricos: *Pium: pelos garimpos de cristais* (1949), *Bom Jesus do Pontal* (1954), *Chão Vermelho* (1956), *Rio Turuna* (1964), *Uma Sombra no fundo do rio* (1972), e *O Perereca* (1973).

Para uma melhor compreensão da análise, em primeiro lugar faz-se uma discussão sobre a relação da História com a Literatura com base em autores consagrados nesta seara; em seguida apresenta-se os elementos históricos sobre a cidade de Pedro Afonso e região; e finalmente, procede-se à análise do romance *Uma Sombra no fundo do rio*.

Diálogos e Fronteiras entre a História e a Literatura

A diferença entre a verdade histórica e a verdade literária desaparece e se funde num híbrido que banha a história de realidade e esvazia a história de mistério, de iniciativa e de inconformidade diante do estabelecido (LLOSA, 2004, p.28).

Já é considerável o número de historiadores que se destacam nos estudos interdisciplinares entre a História e a Literatura, o que muito têm contribuído para o debate, o avanço nas pesquisas e conseqüentemente o aumento do número de publicações voltadas para a temática. Como exemplo, podemos destacar nomes relevantes como os de Roger Chartier (1994), Hayden White (1995), Sandra Jatay Pesavento (1999; 2003), Nicolau Sevcenko (2003), para citar apenas alguns estudiosos que se dedicam aos estudos que investigam esse campo temático do conhecimento.

As discussões sobre a relação entre a História e a Literatura são de longa data, com intenso debate em torno da questão. Pode-se dizer, em linhas gerais, que as duas áreas do conhecimento às vezes se aproximam e às vezes se distanciam; se no século XIX seus campos foram delimitados com mais rigor, no século seguinte vai ocorrer uma maior aproximação, em um movimento de renovação historiográfica. Esse movimento, que surge na França na década de 1920, ficou conhecido como Escola dos *Annales*, e tem como principais ícones os historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, que fundaram a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, no ano de 1929. A renovação que vai ocorrer a partir daí se caracteriza principalmente pela crítica à historiografia tradicional, na qual predominava a historiografia político-factual. Essa mudança ocorre em favor de uma história que valorizasse todas as atividades humanas, que fosse mais ampla e interdisciplinar, dialogando com outras áreas do conhecimento como a Geografia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, e com a Literatura. Com esta ampliação, há também uma inovação do conceito de fonte histórica, surgem novos temas ou objetos de pesquisa com novas abordagens, e conseqüentemente novas metodologias são utilizadas. É nesse contexto que a literatura ganha um lugar privilegiado junto à história e passa a ser vista como aliada nos estudos históricos.

Desse modo, percebe-se que nesse processo de representação do real, a História se serve de estratégias de conhecimento e de recursos que se aproximam de uma ficção controlada para explicar e reconstruir uma dada realidade por meio de uma narrativa coerente, mas que pode estar permeada de elementos simbólicos. O conceito de representação é fundamental para os estudos culturais e para entrecruzar história e literatura, pois segundo Chartier (1990),

As percepções da realidade não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Ainda de acordo com o autor, pode-se entender a relação entre literatura e história de duas maneiras: “A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos”, e a segunda, “Procede ao contrário, isto é, descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético” (CHARTIER, 2000, p.197).

Por outro lado, Hayden White (1991) destaca que,

A teoria literária tem importância tanto direta como indireta para a compreensão da escrita histórica. Direta, na medida em que elaborou, com base na moderna teoria da linguagem, algumas teorias gerais do discurso que podem ser utilizadas para analisar a escrita histórica e para identificar seus aspectos especificamente "literários" (ou seja, poéticos e retóricos). (WHITE, 1991, p. 3).

Hayden White completa afirmando que indiretamente, a moderna teoria literária é importante para a escrita histórica, pois, “[...] as concepções de linguagem, fala, escrita, discurso e textualidade que a informam permitem insights relativamente a alguns problemas tradicionalmente colocados pela filosofia da história [...]. (WHITE, 1991, p. 3). O autor se diz surpreso pelo tardio reconhecimento por parte dos filósofos da história da “[...] importância da linguagem para a compreensão do discurso histórico, especialmente desde que a filosofia moderna em geral fez da linguagem um objeto central de interesse em seu exame de outros departamentos da ciência” (WHITE, 1991, p. 4).

Pesavento (1999), em seu texto *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura* discute a relação entre a obra do historiador Capistrano de Abreu com a obra de ficção de José de Alencar, mostrando que tanto é possível encontrar uma espécie de ficção controlada no texto histórico quanto uma verdade ou forma de aproximação com o real no texto literário. Assim, para a autora a questão da veracidade e ficcionalidade favorece o diálogo entre a história e a literatura num processo que dilui e abre portas para a interdisciplinaridade. Em outro estudo sobre a mesma questão, Pesavento (2003) reforça esta posição, quando afirma que

Trata-se, pois, de partir das aproximações e distanciamentos que se estabelecem entre os domínios de Clio e Caliope que, como musas, criam aquilo que cantam, tal como nos ensina a mitologia antiga. Ora, História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca (PESAVENTO, 2003, p.32).

Nessa perspectiva, a autora argumenta que enquanto a tarefa do historiador é controlada pelos vestígios que chegam até o presente, pois ele não cria vestígios do passado (no sentido de invenção absoluta), mas os descobre ou lhes atribui sentido, conferindo-lhes estatuto de fonte, o literato se cerca de garantias do real, de elementos de veracidade para dar autenticidade ao seu texto, apelando tanto para crônicas quanto para obras de caráter histórico. Assim, na representação do real (ficção controlada), o historiador busca um nível de verdade possível – não mais aquela verdade inquestionável, única e definitiva, pois os historiadores reconhecem hoje que o fato puro não existe na história, pois esta recorta, escolhe e compõe narrativas de acontecimentos e até de desejos, pensamentos e sensibilidades. Pesavento (2003) ressalta que o texto histórico pode assumir, às vezes, um ritmo poético com estrutura de um romance, pois há um processo de montagem que implica usos e recursos fictícios, mas que é diferente dos ficcionistas que são mais livres e não precisam de alibi. No caso da história, o alibi são as fontes ou documentos acessados pelos historiadores para dar veracidade a suas narrativas. De acordo com a autora, quando a história se entrecruza com a literatura, as fronteiras entre elas em parte se diluem, pois os textos históricos podem comportar recursos ficcionais e os textos literários podem cercar-se de estratégias documentais de veracidade.

Se o texto histórico busca produzir uma versão do passado convincente e próxima o mais possível do acontecido um dia, o texto literário não deixa de levar em conta esta aproximação. Embora a trama seja, em si, criação absoluta do autor, busca atingir este efeito de apresentar uma versão também plausível e convincente (PESAVENTO, 1999, p. 830).

É importante ressaltar que a relação entre as duas áreas do conhecimento – História e Literatura – é discutida e vista como benéfica e produtiva também por parte dos literatos, como por exemplo, pelo escritor peruano Mario Vargas Llosa³ (2004). Segundo ele, o caminho da verdade e da mentira é semeado de armadilhas, e os oásis convidativos podem ser miragens, pois a ficção é uma forma de aplacar o inconformismo dos homens, que geralmente não estão contentes com seus destinos, e no embrião de toda ficção pulsa um desejo insatisfeito. O autor acrescenta que não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo, mas demarca bem as diferenças entre uma ficção e um livro de história, pois, embora ambos encarcerem o tempo real no tempo artificial do relato, trata-se de sistemas diferentes de aproximação do real. A noção de verdade ou mentira funciona de maneira distinta em cada caso. Para a história, a verdade depende da comparação entre o escrito e a realidade que o inspira (vestígios, documentos); para a ficção, a verdade depende da capacidade de persuasão, da força comunicativa, da habilidade e da magia. O

autor alerta para o fato de que todo bom romance diz a verdade, e todo mau mente, pois “dizer a verdade” para um romance significa fazer o leitor viver uma ilusão e por mais delirante que seja a ficção, ela afunda suas raízes na experiência humana, da qual se nutre e à qual alimenta. Llosa ainda reforça que as mentiras dos romances nunca são gratuitas porque preenchem as insuficiências da vida e o regresso à realidade leva sempre a um empobrecimento brutal, ou seja, a comprovação de que somos menos do que sonhamos. Finalmente o autor defende que, sair de si mesmo, ser outro, ainda que ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade. Assim, conclui Llosa (2004, p. 24) “A verdade literária é uma, a verdade histórica, outra. Mas, mesmo que esteja repleta de mentiras – ou melhor, por isso mesmo –, a literatura conta uma história que a história, escrita pelos historiadores, não sabe nem pode contar”.

A cidade de Pedro Afonso vista pela História nas primeiras décadas do século XX

Em 1911, a política e a ganância comercial ateiam fogo no seio da pacata população e, três anos depois, Pedro Afonso era um montão de ruínas, de que muito bem soube locupletar-se uma horda de bandoleiros chefiados por Abílio Araújo (IBGE, 1958, p.331).

Pode-se dizer que Pedro Afonso é uma cidade duplamente ribeirinha, pois está situada à margem direita do rio Tocantins, no ponto de sua confluência com o rio Sono, pertencente ao antigo norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Nas palavras de Borges e Palacin (s.d., s.p.), Pedro Afonso aparentemente não possui nada de especial, “... é fácil perceber que Pedro Afonso não oferece nenhuma antiguidade, nem um passado historicamente denso, que tenha ficado plasmado em seus monumentos”. Vários são os elementos que nos levam a discordar dessa afirmação, inclusive pelo fato de esta cidade ter sido palco de um romance de Eli Brasiense.

O contexto da fundação da *Travessa dos Gentios*, que mais tarde recebeu o nome de Pedro Afonso, está ligado a mais de um objetivo. Se o primeiro benefício advindo de sua criação foi o de “*desinfestar*” as margens do rio Tocantins – pois a presença dos povos indígenas amedrontava a população, prejudicava a navegação e causava danos aos donos de fazendas de gado – num segundo momento, a nova localidade apresentava-se como ponto estratégico de ligação entre dois núcleos já estabelecidos e prósperos nas margens do rio Tocantins, Porto Imperial (hoje cidade de Porto Nacional no estado do Tocantins) e Carolina

(MA). Fleury (1996, p. 127), afirma que “[...] a fundação desta Aldeia no lugar indicado favorece a abertura da estrada, que a tempos se projeta da Vila do Porto Imperial pela margem direita do Tocantins a Carolina, encurtam-se algumas léguas, e a própria navegação pode receber socorros desta Aldeia”.

Embora Pedro Afonso tenha tido um rápido aumento da população indígena após sua fundação, também sua derrocada como aldeamento foi ligeira, pois antes mesmo de completar uma década, o aldeamento já apresentava os primeiros sinais de fracasso. Como acontecia na maioria desses aldeamentos, após o estabelecimento das aldeias com alguma estrutura administrativa e religiosa, ainda que mínima, os não indígenas se sentiam atraídos para o local, passando a conviver com os povos indígenas e muitos desses retornavam para seus espaços de origem, afastando-se do aldeamento.

Somente entre o final do século XIX e início do XX é que a cidade de Pedro Afonso será influenciada pela expansão da exploração da borracha⁴ na região norte. Tornou-se um ponto importante de ligação entre o nordeste e o norte do país, e um local onde as mercadorias eram acumuladas para o transporte pelo rio Tocantins tendo como destino a capital do Pará, Belém. Segundo dados encontrados no Arquivo Histórico Estadual de Goiás (AHEG), de 1910, Pedro Afonso possuía 60 casas, e o imposto da décima urbana variava entre 2\$000 e 4\$800 réis⁵. O Anuário organizado por Francisco Azevedo nesta mesma data, fornece a seguinte descrição da localidade:

Dista da capital do Estado 1.200 quilômetros, de Porto Nacional 300 km e de Carolina 300 km. Tem uma praça e quatro ruas principais. O clima é muito saudável e o calor não é aí tão intenso como nas demais povoações à beira do Tocantins. A principal indústria do município consiste na extração da borracha de mangabeira. É avultadíssima a sua riqueza mineral. A indústria pastoril está bastante desenvolvida e constitui um dos primeiros ramos de negócio (AZEVEDO, 1910, p. 176-177).

Ao mesmo tempo em que a “corrida” da borracha provocou aumento da população e intensificou o comércio, os problemas se multiplicaram: a chegada de forasteiros gananciosos, a instabilidade e divergências políticas locais aumentaram a violência na cidade. De acordo com Audrin (1946),

Pedro Afonso, antigo Rio do Sono, é uma povoação goiana, fundada outrora junto à confluência dos rios Sono e Tocantins, pelos missionários capuchinhos, para ser o centro da Catequese dos Índios Cherentes e Caraós. Com o decurso dos anos foi progredindo e chegou a ser vila importante, depois da descoberta do caucho nas matas do Araguaia. Todo o trânsito das tropas baianas e maranhenses em procura da nova riqueza, efetuava-se por Pedro Afonso, que em poucos anos transformou-se em empório comercial de primeira ordem. Esta prosperidade

material foi causa da sua terrível desgraça. O caso de Pedro Afonso teria certamente interessado o célebre autor dos Sertões (AUDRIN, 1946, p. 240-241).

O período da Primeira República no Brasil, conhecido também como República Velha ou República dos coronéis, foi um período conturbado, de intensos abusos e arbitrariedades políticas em todo o país. Marcado por diversos movimentos de caráter social, teve como expoente mais célebre o caso de Lampião. Para o cientista político Itami Campos (1987), o ato da Proclamação da República por si só não provocou mudanças significativas na política brasileira. O processo era mais complexo e englobava transformações que já vinham ocorrendo na segunda metade do XIX, como a diversificação da economia. Mas, segundo ele, a consequência mais visível da mudança de regime teria sido a quebra de centralização de poder existente no Império, dando maior autonomia aos grupos políticos estaduais.

O livro *História de Pedro Afonso*, de Anna Brito Miranda (1973) – antiga moradora e professora na cidade – destaca os episódios mais marcantes da cidade desde o seu surgimento como aldeamento indígena e seu desenvolvimento como entreposto comercial com o Pará e Bahia. Nessa época, segundo Miranda, o lugar possuía quinze ruas muito bem tratadas e arborizadas, seis grandes casas comerciais, uma bem montada farmácia, orquestra e banda de música. De 1914 a 1930 a cidade vive um período caracterizado pela violência, divergências políticas e rivalidades comerciais, tendo como pivô o cangaceiro Abílio Araújo e seus seguidores que devastam a cidade e fazendas da região.

As rivalidades políticas e comerciais propiciaram um longo período de violência na cidade e região. Embora escassa, dentre a documentação que trata do tema em Pedro Afonso, destaca-se um ofício datado de 1910, do subdelegado da cidade ao Presidente da Província, no qual solicitava medidas urgentes para conter a desordem e a violência. No documento consta um episódio envolvendo um soldado, no qual fica evidente que a autoridade não estava sendo respeitada, necessitando, portanto, de reforço.

Em plena rua desta vila, o soldado foi atado e arrastado pela rua até entregar um revólver de cinco tiros que havia tomado do sobrinho do Borges [...] Estes fatos Exm^o. Sr. Presidente, só se dão pela mínima garantia que possuímos e só Vs. Ex^a. nos poderá tirar das dificuldades em que vivemos mandando-nos uma força de 10 praças ao menos, comandada por um oficial de vossa confiança e que não distribua espírito político (OLIVEIRA, 2010, p. 110).

Miranda (1973) define o ano de 1914 como o início do período de maior violência, mas os ânimos já andavam inflamados há algum tempo, como mostra o documento transcrito a seguir. Como bem mostra a epígrafe deste tópico, os dados oficiais confirmam que três anos

antes a cidade já teria sido arrasada e a maioria da população havia se mudado por causa dos constantes conflitos, conforme informado pelo IBGE (1958, p. 331): “Em 1911, a política e a ganância comercial ateiaram fogo no seio da pacata população e, três anos depois, Pedro Afonso era um montão de ruínas, de que muito bem soube locupletar-se uma horda de bandoleiros chefiados por Abílio Araújo”. Em estudo sobre o coronelismo no Tocantins, o historiador Antônio Machado reforça o discurso sobre a violência na cidade ao afirmar que no ano de 1914 Abílio Araújo teria tomado a cidade e nela permanecido por alguns meses. Assim, “Abílio Araújo reuniu um contingente de 30 homens. Marchou rumo à Pedro Afonso sitiando a cidade por algum tempo. O comandante da tropa [Alferes Cordeiro] percebendo a superioridade do sitiante, não ofereceu resistência” (MACHADO, 2002, p. 305).

Após décadas de tumultos em seu território é que a cidade começa a dar sinais de tranquilidade e desenvolvimento, como mostra o médico Júlio Paternostro, que entre maio e setembro de 1935 viajou pelo vale do Tocantins com o objetivo de colher material para o combate à febre amarela.

Em 1934, o Governo de Goiás instalou em Pedro Afonso a primeira inspetoria da Fazenda do Estado e aquartelou uma companhia de polícia para servir o Norte. Numa formatura dessa companhia contei 52 homens: somente dois eram negros, poucos brancos e a maioria mestiça. Ganham os soldados noventa mil réis por mês. Em Pedro Afonso, pela primeira vez, depois que saí de Belém do Pará, tive a oportunidade de dormir em cama, na casa de um sargento da polícia. Fiquei sabendo, depois, que era a única existente na povoação e consideravam-na como objeto de luxo numa região onde todos dormiam em rede. Exatamente como se pensava em São Paulo no Século XVII [...] (PATERNOSTRO, 1945, p. 190).

Em síntese, esta é a história da cidade que Eli Brasiliense tão bem conhecia e que serviu de cenário para um de seus romances. No próximo tópico pretende-se explorar elementos de uma ficção bem construída pelo autor, na qual transbordam elementos históricos conhecidos de Brasiliense. Fica evidente a presença de acontecimentos reais na tessitura do romance mostrando as possibilidades de um diálogo entre a história e a literatura, como apresentado a seguir.

Uma Sombra no Fundo do Rio: A cidade de Pedro Afonso vista pela Literatura

Quem vivia abraçado com a carabina não tinha tempo de ver beleza de rio nem cuidar de amor (BRASILIANSE, 1977, p.68).

Os acontecimentos acima narrados sobre a História de Pedro Afonso encontram eco no romance *Uma sombra no fundo do rio*, do escritor goiano Eli Brasiliense, que descreve com riqueza de detalhes as conturbadas primeiras décadas do século XX na cidade e região. O romance apresenta alguns personagens históricos como Cipriano, Aroeira, Abílio Batata, Zé Dias, além da família Wolney, protagonista do massacre do antigo arraial de Duro, atual cidade de Dianópolis (TO), tão bem apresentado por Bernardo Elis no romance *O tronco*. Assim, o foco central do romance de Brasiliense é a saga do anti-herói Cipriano – homem rústico, marcado pela tragédia devido à perda da mulher de forma violenta – transformado em um homem revoltado e com sede de vingança. De acordo com o romance, além da desgraça pessoal, o bárbaro assassinato de sua família, Cipriano teria se tornado o terror da milícia oficial após a morte de um soldado ter recaído sobre ele, de modo injusto, de acordo com o romance. Sobre a morte de sua esposa, o excerto seguinte é esclarecedor: “Um dia que se ausentara de casa, para negociar uma partida de peles, seus inimigos vieram. Mataram Madalena, com a maior judiação. Abriram-lhe o ventre a facão, para retirar o menino ainda vivo e fazer dele peteca” (BRASILIANSE, 1977, p. 17).

Diante de tamanha tragédia, o verso *ABC de Cipriano* – apresentado na epígrafe no início deste artigo, conhecido e cantado pelos moradores – é bastante elucidativo sobre a história de Cipriano, exaltando sua fama na região: “Numa guerra de espantar, que durou uns par de ano. Bala perdida zunindo, Filho chorando sem mama, muito caboclo dormindo, sendo sangrado na cama” (BRASILIANSE, 1977, p.41).

Segundo a crítica literária Nely Aves de Almeida (1985, p. 41), este é o melhor romance do autor, pois, “A área geográfica em que tudo se desenrola oferece-nos a visão do dantesco de uma zona em que todos os horrores são praticados contra o homem. E a revoltante impunidade é uma constante no lugar”.

Pelo que se pode constatar, este romance de Brasiliense se assemelha a um livro denúncia, pois nele fica visível, por um lado, a ausência da atuação do poder público em benefício da população, resultando na proliferação das mazelas sociais que se evidenciam nas constantes intrigas e perseguições políticas, na exploração dos mais fracos, culminando em terríveis tragédias; e por outro lado, os excessos de poder emanados pela força policial geralmente atrelada ao mandonismo local – bem expressa pela política coronelística – que dava suporte ao governo, como demonstrado no trecho seguinte, cujo título é *As ilusões da farda*: “Pegara farda porque achava um homem elegante vestido assim, sempre indo no socairo da lei e da ordem. Naquela época muita gente dizia que praça era jagunço do

Governo” (BRASILIANSE, 1977, p. 30). Assim, o autor inicia o romance mostrando o resultado das desordens causadas pelos jagunços e pela inoperância da força policial na cidade de Pedro Afonso.

Quem havia tirado a cidade do lugar e plantado uma tapera? São Caetano? Restos de muros, bagaços de casas e de ranchos, quintalama de árvores amarimbondadas, tudo já era dele, para seu uso despótico. Apoderara-se rapidamente da maior parte de uma cidade destrozada, onde os riachos de sangue correram pegajosos no rumo do Tocantins e do rio do Sono. [...] O povo que sobrara da tragédia estava doente de tristeza. Gente bagunçada da cabeça e problemática da ideia (BRASILIANSE, 1977, p. 13).

Esse trecho do romance representa bem a situação da cidade no período em foco e se assemelha muito ao que foi encontrado nos documentos históricos e na memória dos antigos moradores da cidade. Por exemplo, no livro da memorialista de Pedro Afonso, Ana Brito Miranda (1973), o período que vai de 1914 a 1930, foi um período caracterizado pela violência, divergências políticas e rivalidades comerciais locais. A autora afirma que o chefe dos cangaceiros Abílio Araújo, juntamente com outros baderneiros, devastaram a cidade e fazendas da região, roubando, matando e disseminando o medo e o pavor nos moradores.

Percebe-se que, embora sendo uma ficção, ou seja, sem ter compromisso com a verdade, o romance de *Brasiliense* (1977) é fiel a muitos dados históricos, respeitando até mesmo a cronologia dos acontecimentos, como por exemplo, neste trecho sobre um dos embates na cidade, que corresponde exatamente à data de 1914: “Foi no dia primeiro do quatro da era de quatorze. O sol tinha em cima da aflição do povo, com Abílio Batata farejando a cidade” (BRASILIANSE, 1977, p. 71).

Em outro momento, retrata de modo exemplar a situação da cidade: “As ruas de Pedro Afonso estavam todas banguelas, mas Abílio Batata não pisaria mais ali. Quem entendia o jogo do governo? Tirou o Tenente Cordeiro já no começo da briga (BRASILIANSE, 1977, p. 62). A analogia das ruas com uma boca banguela representa bem a situação do lugar devastado após as desavenças e embates ocorridos na cidade de Pedro Afonso.

Sua narrativa encontra ressonância na História também quando trata dos eventos ocorridos na cidade vizinha, Duro, atual cidade de Dianópolis (TO), e em Conceição do Araguaia (PA): “Conceição do Araguaia, que nesse tempo pertencia a Goiás. Ali sangue fez enxurrada. Leão Leda e seu filho Mariano foram mortos numa hora só. Leda foi varado no ponta direita e Mariano espetado no punhal, para depois ser estraçalhado num enxame de balas” (BRASILIANSE, 1977, p. 93). Importante ressaltar que devido aos incessantes

conflitos, toda a região estava em polvorosa naquele período em que vigorava a República Velha no país.

Em *Uma sombra no Fundo do Rio*, Eli Brasiense utiliza-se de metáforas para descrever tanto o crescimento da cidade devido ao desenvolvimento da região: “o arraial crescia como leite fervendo”; quanto a violência e desordens decorrentes das intrigas e banditismo, como o incêndio provocado pelos arruaceiros na cidade: “Era uma tocha de fogo andeja por cima do capim seco. Com poucos dentes era capaz de roer a cidade inteira” (BRASILIANSE, 1977, p. 48); ou ainda, quando retrata tão bem o medo e apreensão dos moradores naquele momento de extrema violência: “A boca do ermo não respirava. Do lado de lá, a cidade paraplégica não emitia nenhum som”.

Almeida (1985) foi muito feliz em sua descrição das personagens da obra de Eli Brasiense, ao afirmar que “[...] não são seres fictícios, são reais, vivos, tirados do meio em que vivem, amam, lutam, sofrem”. Assim eram as personagens do romance *Uma sombra no Fundo do Rio*: o barranqueiro Cipriano Rodrigues e sua esposa Madalena, o forasteiro Abílio Batata, o soldado João, Rosalina, Dona Serafina, Chica Botija, Vicentão e tantos outros.

Embora todo o romance seja permeado de cenas trágicas e todo tipo de violência, em seu desfecho, o último episódio é ainda mais marcante. Após o sargento convencer Cipriano de encontrá-lo em uma canoa no rio para um possível acordo, dando sua palavra de honra, uma emboscada foi armada e Cipriano foi covardemente assassinado de tocaia. E para não deixar vestígios, “O corpo de Cipriano foi jogado n’água por ordem do sargento, com recomendação de que tivessem cuidado para não arrebentar os pontos na barriga dele. [...] Transformou-se o corpo numa sombra dançante, até sumir-se” (BRASILIANSE, 1977, p.111).

Desse modo, é possível afirmar que história e literatura se confundem no romance *Uma sombra no fundo do rio*, pois na ficção de Brasiense podem ser encontradas formas de aproximação com real em diversos momentos, mostrando que na interdisciplinaridade as fronteiras entre as duas áreas do conhecimento se diluem, e a capacidade de persuasão do autor e sua magia são tão fortes que convence o leitor de que toda aquela encenação é uma verdade. A ficção de Brasiense se nutre e se alimenta em sua própria experiência humana, em sua vivência e experiência na região que tão bem conheceu.

Considerações Finais

A partir desta análise, pode-se contatar que, apesar das diferenças entre a narrativa histórica e a ficcional, ambas oferecem uma verdade ou um conhecimento sobre a cidade de Pedro Afonso. Quando Vargas Llosa (2004, p. 21), afirma que “[...] por mais delirante que seja [a literatura], ela afunda suas raízes na experiência humana, da qual se nutre e à qual alimenta”, é o que se pode observar no romance *Uma Sombra no Fundo do Rio*. Nele, Eli Brasiliense consegue fazer com que o leitor viva uma ilusão, pois para a ficção, a verdade depende da capacidade de persuasão, da força comunicativa, da habilidade e da magia, elementos que transbordam na obra.

Pode-se dizer que o romance de Brasiliense contribui para o conhecimento das especificidades e particularidades de uma região, pois permite que o leitor mergulhe no cotidiano dos moradores do antigo norte goiano, e em particular, nos costumes dos pedro-afonsinos no início do século XX. Desse modo, é possível afirmar que a literatura de modo geral, e o romance *Uma sombra no fundo do rio* em especial, fornecem elementos que permitem fazer aflorar sensibilidades e sociabilidades que não poderiam ser percebidos somente pelo viés da História.

Por mais que as personagens fictícias representadas no romance sejam modelos genéricos e inexistentes no mundo real, elas refletem sentimentos, valores, costumes e sensibilidades próprias daquela sociedade de carne e osso de Pedro Afonso. Como ressaltado ao longo da análise, Brasiliense se alimentou da história de sua região para transformá-la em um romance instigante e prazeroso para o leitor. Enfim, tendo em vista os elementos acima citados, foi possível perceber na obra de Eli Brasiliense, fundamentos para a compreensão de um tempo e lugar específicos e reais, pois de acordo com Freitas (2006, p. 163), “Nas linhas cruzadas da História e da Literatura, o texto literário tem a dimensão da metáfora do passado, que permite decifrar códigos e evidências”.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Nely Alves. **Presença Literária de Eli brasiliense**. Goiânia: UCG, 1985.
- AUDRIN, J. Maria. **Entre Sertanejos e Índios do Norte**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.
- AZEVEDO, Francisco F. dos Santos. (org.) **Anuario Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz, para 1910**. Uberaba/Araguary/Goyaz: Ed. Proprietária, 1910.

- BORGES, Ana Maria; PALACIN, Luis. **Patrimônio Histórico de Goiás**. Goiânia: Jaime Câmara, s.d.
- BRASILIENSE, Eli. **Uma Sombra no Fundo do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: UFG, 1987.
- CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: subsídios para a História e a Geografia do Brasil. 2. ed. Imperatriz: Ética, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1994.
- FLEURY, Antonio de Pádua. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa de Goyaz em 1848 e 1849. In: *Memórias Goianas*, n. 4, p. 101-146. Goiânia: UCG, 1996.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Histórias de Pium. In: BRASILIENSE, Eli. **Pium**. 5. edição. Goiânia. ICBC, 2006.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. V. XXXVI, Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- LLOSA, Mário Vargas. **A Verdade das Mentiras**. Tradução: Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
- MACHADO, Antônio Filho da Silva. Poder Público versus Poder Privado: coronelismo na primeira metade do século XX no Tocantins. In: GIRALDIN, Odair (Org.). **A (Trans) Formação Histórica do Tocantins**. Goiânia: UFG; Palmas: Unitins, 2002.
- MATTOS, Maria Virgínia Bastos de. **História de Marabá**. Marabá: Grafil, 1996.
- MIRANDA, Ana Brito. **História de Pedro Afonso**. Goiânia: Oriente, 1973.
- OLIVERIA, Maria de Fátima. **Portos do sertão**: cidades ribeirinhas do Rio Tocantins. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.
- PATERNOSTRO, Júlio. **Viagem ao Tocantins**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. In: **Revista História da Educação**. Vol. 22 n. 14. Pelotas: Universidade de Pelotas, 2003, p. 31-45. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220/pdf> Acesso em: 25/09/2021.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: **Anais do XX Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995.

Notas:

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Curso de História e do Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: proffatima@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-9519-8093>

² Este artigo é resultado do projeto de pesquisa intitulado Fronteiras e Diálogos entre a História e a Literatura na obra de Eli Brasiense.

³ Mario Vargas Llosa nasceu em Arequipa (Peru) em 1936. Escritor, jornalista, ensaísta e político peruano. Fez doutorado em Filosofia e Letras. Trabalhou em Paris como jornalista e redator da revista France Press. Foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 2010.

⁴ Borracha é uma denominação genérica do látex, pois existem diversas plantas das quais ele pode ser extraído: o caucho, a seringueira, a mangabeira, a maçaranduba (ou balata) e outras. O nome científico do caucho é *Castilloa elastica*; é uma árvore que alcança de 15 a 20 metros de altura, tendo seu tronco cerca de meio metro de diâmetro (MATTOS, 1996, p. 26). Teriam sido os peruanos, em 1860, a descobrir que essa árvore produzia látex elástico e a denominaram de “caucho” (CARVALHO, 2000, p. 171). Na região de Pedro Afonso não havia o caucho, mas a mangabeira, árvore da família das apocináceas, medindo entre 5 a 10 metros.

⁵ Os 60 prédios urbanos da cidade estavam distribuídos em quatro ruas: Largo da Matriz, Rua Grande, Rua do Passeio e Rua do Sal (Arquivo Histórico Estadual de Goiânia (AHEG), Cx. n.^o 1, referente ao município de Pedro Afonso).